

Definitiva Cia. de Teatro
apresenta:

A Hora da estrela

de Clarice Lispector



“ É a história de uma moça (*silêncio*) tão pobre que (*silêncio*) só comia cachorro-quente. Mas a história não é isso só não. A história é de uma inocência pisada. (*silêncio.*) De uma miséria (*silêncio*) anônima. (*silêncio longo.*) ”



IMPRESSÕES

“Uma ótima pedida para quem quer apreciar um trabalho de qualidade, e simplesmente imperdível para quem gosta de trabalhos de pesquisa de linguagem”

Péricles Vanzella

doutor em Artes Cênicas e crítico da site Rio Encena.

“(...) a produção da Definitiva Cia. de Teatro, sob a direção de uma força da natureza chamada Jefferson Almeida, espatifa o osso da palavra literária atrás de novas sensorialidades e provocações”

Rodrigo Fonseca

blog P de Pop, d'O Estado de São Paulo

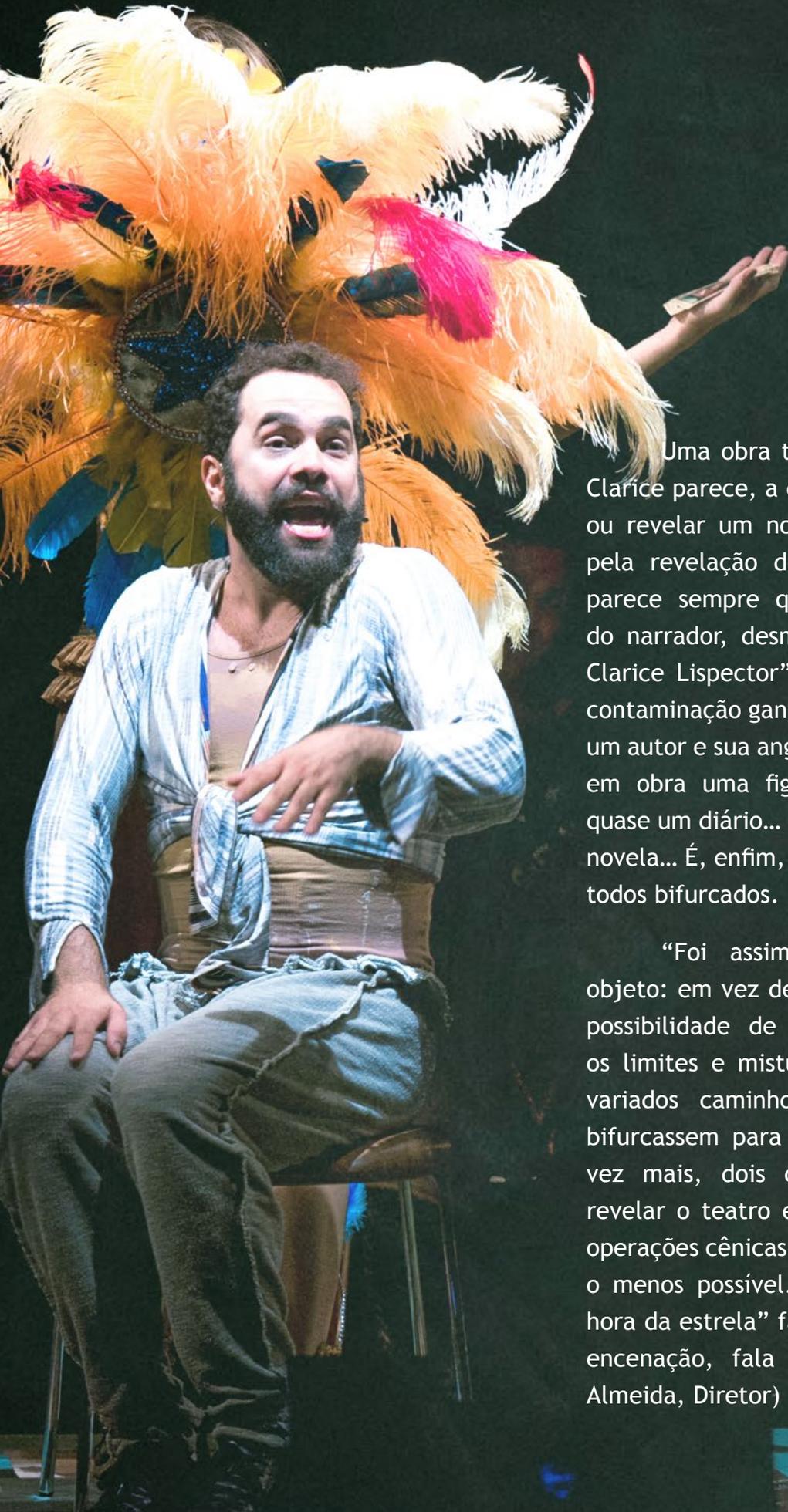


APRESENTAÇÃO _____

Último título lançando ainda em vida pela autora, “A hora da estrela” é, em certa medida, um elogio à literatura, uma declaração de amor ao ofício, e um segredo revelado. Macabéa (personagem central da história) é um possível alter-ego de Clarice, que usa de um narrador fictício, Rodrigo S.M. (personagem central do livro; outro seu alter-ego), para colocar a própria construção da narrativa em perspectiva. Um meta-romance que além de falar de si, evidencia um elenco de personagens sedentos por voz (apesar de nem saberem ser possível ter voz), um panorama político, uma cidade, desejos, fome de futuro e fome daquela mais elementar, a de comida.

Macabéa é uma jovem alagoana que vive no (inacreditável!) Rio de Janeiro. Ela sente dores. Ela apenas vive, inspirando e expirando. Ela sente dores e toma uma aspirina. Virgem e inócua. Toma uma aspirina. Cor de burro quando foge. Ela sente dores. É péssima datilógrafa. É trocada pelo namorado (que só o fora realmente na fantasia da moça nordestina). Macabéa é daquelas que passam pela vida sem se dar conta do que é existir. Ela sente dores e toma uma aspirina. Ela vai ao médico, à cartomante. Está tuberculosa e grávida de futuro. Ela sente dores e tem esperança. E cabe a Rodrigo S.M. revelar - a ela e ao leitor - seu destino. Para “desenhar a moça”, ele busca a simplicidade e, como só consegue “a simplicidade através de muito trabalho”, convida o leitor a assisti-lo nessa busca e acompanhar cada passo dele em direção à nordestina e à realização do seu ofício.





Uma obra tão profunda e densa como a de Clarice parece, a cada virada de página, encontrar ou revelar um novo caminho. Obra contaminada pela revelação do próprio exercício da escrita, parece sempre querer revelar o rosto por trás do narrador, desmascarar o autor - “na verdade Clarice Lispector”. Em “A hora da estrela”, essa contaminação ganha primeiro plano: um livro sobre um autor e sua angustiada tentativa de transformar em obra uma figura capturada num relance. É quase um diário... Há quem chame de romance... De novela... É, enfim, um livro de variados caminhos, e todos bifurcados.

“Foi assim que resolvemos tratar este objeto: em vez de tentar enquadrá-lo numa única possibilidade de linguagem, decidimos explodir os limites e misturar as possibilidades; tomamos variados caminhos e permitimos que eles se bifurcassem para que pudéssemos tomar, a cada vez mais, dois caminhos. Decidimos, também, revelar o teatro e seu aparato trazendo todas as operações cênicas para dentro do jogo, escondendo o menos possível. Assim como, na literatura, “A hora da estrela” fala da escrita literária, em nossa encenação, fala da escrita cênica.” (Jefferson Almeida, Diretor)

Dentro da trajetória da Cia., “A hora da estrela” significa um passo bastante significativo; depois de passar por uma montagem de um musical brasileiro clássico - “Calabar, o elogio da traição”, de Chico Buarque e Ruy Guerra - onde buscou entender a função da música dentro desta dramaturgia, a Cia. se debruçou sobre um épico - “Deus e o diabo na terra do sol”, de Glauber Rocha - onde a função narrativa da música era investigada de maneira muito potente, se utilizando do cordel musicado por Sérgio Ricardo como uma camada da dramaturgia, como um recurso de comunicação elaborado e de extrema eficiência. Parte da narratividade da peça, então, estava a cargo da canção.

Levada pela importância da música para a personagem central, viciada em rádio, e pela quantidade de músicas já criadas a partir desse último romance de Clarice, a Cia. se utiliza dessas canções - as criadas a partir do livro e as citadas no livro - para perguntar: “como se constrói uma cena onde a música é a cena?” E assim, pela primeira vez os atores da Cia. tocam instrumentos e executam a música em todas as suas instâncias. Em outras palavras, a música, aqui está em cena em toda a sua plenitude: o ato de tocar e fazer música é a cena e meta-cena, ou seja, em outra camada, serve de esteio onde repousa a vida ficcional das personagens.



OBJETIVOS

- Realizar apresentação / temporada do espetáculo “A hora da Estrela”;
- Aprofundar pesquisa de linguagem da Cia quanto à relação música/cena e ao estudo de um corpo épico/político;
- Dar voz a personagens esquecidos do mundo real;
- Realizar adaptação de obra literária conhecida, ressignificando-a e mantendo-a viva;
- Apresentar investigação de narrativa com potencial identificação com o público brasileiro;



ELENCO

Jefferson Almeida

João Vitor Novaes

Livs Ataíde

Marcelo de Paula

Paula Sholl

Tamires Nascimento

Atores convidados:

Daniel Chagas

Dennis Pinheiro



FICHA TÉCNICA



A hora da Estrela

Do original de Clarice Lispector

Adaptação: Jefferson Almeida e Tamires Nascimento

Direção: Jefferson Almeida

Assistente de direção: Tamires Nascimento

Direção musical: Renato Frazão

Preparação vocal: Yves Baeta e Déborah Cecília

Professor de método passo: Diogo Brandão

Preparação de atores: Daniel Chagas

Tap e colaboração: Clara Equi

Cenografia: Taísa Magalhães

Figurinos: Arlete Rua e Thaís Boulanger

Costureira: Kátia Salles

Visagismo: Rodrigo Reinoso

Iluminação: Livs Ataíde

Assistente de iluminação: Luiz Paulo Barreto

Projeto gráfico: A4 (Davi Palmeira)

Fotos do projeto: Ricardo Brajterman

Coordenação de produção: Tamires Nascimento

Realização: Definitiva Cia. de Teatro e TEM DENDÊ! Produções

NECESSIDADES TÉCNICAS

Descrição dos cenários e outras necessidades técnicas indispensáveis para a realização da apresentação:

CENÁRIO

- 1 PLATAFORMA DE 5M X 3,80M DIVIDIDA EM 9 MÓDULOS:
 - 2 de 1,80m x 1,60m pesando 50kg, cada;
 - 1 de 1,60m x 1,60 pesando 42kg;
 - 4 de 1,80m x 1,10m, pesando 36kg, cada;
 - 2 de 1,60m x 1,10m, pesando 32kg, cada.
- 1 mesa de 1,70m x 0,70 pesando 10kg;
- 5 caixas com ventiladores cinzas de 0.40m pesando 2kg cada;
- 9 cadeiras de cadeira, empilháveis, pesando 3kg cada;
- 10 cordas suspensas para instrumentos, mais um suporte para instrumento de 0,50kg;

RIDER DE SOM

- 10 SISTEMAS SENNHEISER EW100 G3 COMPLETOS
- 10 MICROFONES SENNHEISER LAPELA ME 2
- 02 MICROFONES SHURE SM58
- 01 MICROFONE PRA 383
- 01 MESA DIGITAL MACKIE DL1608
- 02 CAIXAS PA QSC K12
- 02 CAIXAS MONITOR ATTACK VRF1550A
- 01 CDJ (operado de cena)

PALCO MÍNIMO

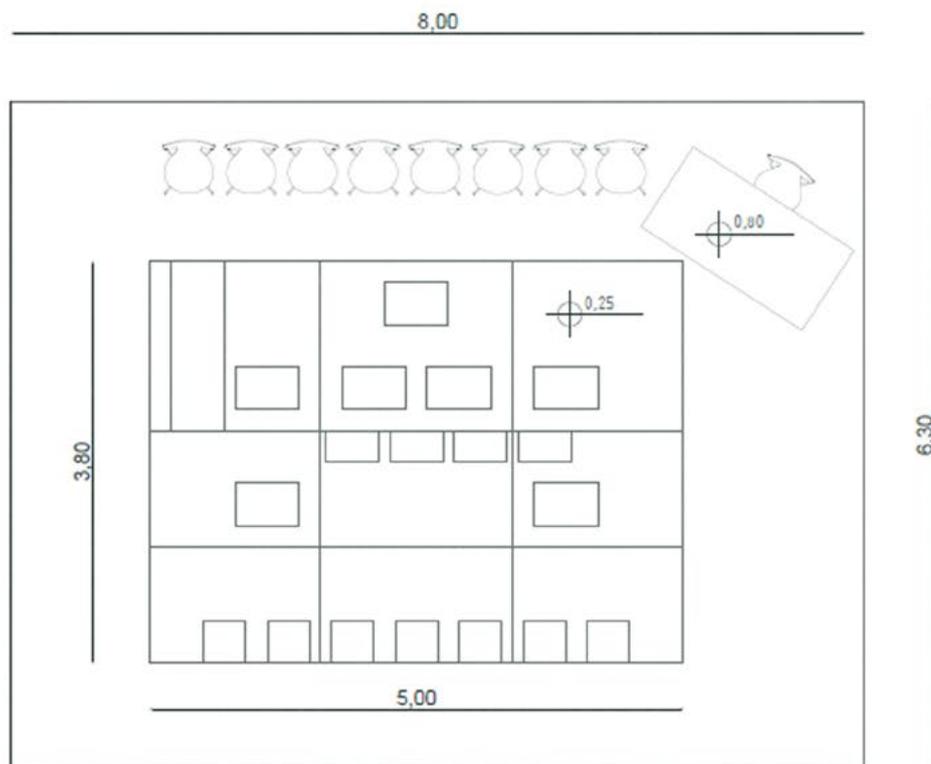
- 7m de largura x 6,5m de profundidade

NECESSIDADES INDISPENSÁVEIS

- CDJ operado de dentro de cena
- Mesa de luz operada de dentro de cena



PLANTA BAIXA (cenário)



DEFINITIVA CIA DE TEATRO - A HORA DA ESTRELA		FOLHA
DIREÇÃO: JEFFERSON ALMEIDA	TEXTOS: CLARICE LISPECTOR	1
CENOGRAFIA: TAÍSA MAGALHÃES	DATA: JAN / 2020	
PLANTA BAIXA		

HISTÓRICO DO GRUPO

A Definitiva Cia. de Teatro foi fundada em 2008, com o objetivo de pesquisar a relação da música com a cena. Desde então, vem buscando borrar os limites de uma e de outra, fazendo-as conviver de forma indissolúvel no que a Cia. chama, agora, de cena-música. É a busca desse lugar de encontro, de mistura e esmaecimento de fronteiras, que rege o trabalho da Definitiva.

A Definitiva possui cinco projetos teatrais em seu currículo, sendo quatro espetáculos - Calabar, o elogio da traição (2008), Deus e o diabo na terra do sol (2011), A hora da estrela (2017), O som e a fúria - um estudo sobre o trágico (2020) - e uma versão compacta e revisitada do espetáculo de estreia - Calabar em concerto (2018) - em comemoração dos seus 10 anos de trabalho da Cia. Além destes realizou o projeto audiovisual Cartas de arquivo (2018) em parceria com o Arquivo Nacional como parte das comemorações de seus 180 anos.

HISTÓRICO DO ESPETÁCULO:

2017 | JANEIRO

Temporada | Teatro Sesc Tijuca | Rio de Janeiro | RJ

2019 | DEZEMBRO

Temporada | Teatro Gláucio Gill | Rio de Janeiro | RJ

(Espetáculo selecionado pelo Edital de Ocupação dos Teatros da SECEC e Funarj)



CONTATO

www.temdende.com
producaotemdende@gmail.com
+55 (21) 98162-3868

